

ARTIGO #2 – JANEIRO DE 2026

Resultados dos Grupos Focais: A Simbiose Industrial continua a ser um potencial inexplorado

Entre novembro de 2025 e janeiro de 2026, foram realizados os grupos focais sobre simbiose industrial planeados no âmbito do projeto europeu SYMBIOS. O seu objetivo era identificar tendências setoriais específicas na simbiose industrial para os dois setores envolvidos — agroalimentar e couro — e definir as áreas de investigação para a subsequente análise de necessidades. Este artigo apresenta os resultados dos grupos focais.

A simbiose industrial está a emergir como uma das alavancas mais promissoras para acelerar a transição circular do setor agroalimentar. Esta foi a mensagem principal dos dois grupos focais realizados entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026 no âmbito do projeto SYMBIOS. As sessões foram desenhadas e lideradas pelo parceiro IATA CSIC, com apoio organizacional do parceiro GZS CCIS CAFE, e envolveu empresas, universidades, centros de investigação e especialistas em sustentabilidade e inovação. Uma visão comum surgiu das discussões: a simbiose industrial não se limita à troca de subprodutos, mas inclui também a partilha de energia, calor, água, competências, infraestruturas e conhecimento. Por outras palavras, trata-se de criar valor em conjunto, transformando o que atualmente é considerado desperdício num recurso para outra pessoa. Numerosos exemplos concretos confirmam este potencial, incluindo o uso de soro de leite, cereais usados de cervejeiros ou subprodutos agrícolas para produção de biogás, alimentação animal, extratos bioativos ou ingredientes funcionais; colaborações entre empresas e universidades para desenvolver novos materiais, embalagens sustentáveis ou aplicações de alto valor; e até formas de "simbiose logística", como o transporte partilhado para exportações.

No entanto, a adoção em larga escala continua limitada. As principais barreiras identificadas são regulatórias, especialmente no setor alimentar, onde os requisitos de segurança tornam complexa a reutilização de subprodutos. Desafios adicionais incluem cadeias de abastecimento fragmentadas, dificuldades em alcançar volumes suficientes, fraca rastreabilidade dos fluxos de subprodutos e a lacuna entre a investigação e o mercado: muitas soluções permanecem em baixos níveis de prontidão tecnológica e, por isso, são consideradas demasiado arriscadas para as empresas adotarem. Outra questão importante diz respeito à falta de ligações. As empresas muitas vezes não sabem quem poderá tirar partido dos seus subprodutos, nem que competências ou tecnologias já estão disponíveis. Por esta razão, os participantes sublinharam a necessidade urgente de plataformas dedicadas capazes de facilitar o emparelhamento entre empresas, instituições de investigação e outros setores, apoiadas por estudos de viabilidade e ferramentas financeiras.

A mensagem final é clara: as ideias e oportunidades abundam, mas transformar a simbiose industrial numa prática generalizada e estrutural exige uma coordenação mais forte, políticas mais favoráveis, investimentos direcionados e uma mudança de mentalidade. Só assim o setor agroalimentar poderá expressar plenamente o seu papel na bioeconomia circular.

Igualmente interessantes são os resultados dos dois grupos focais realizados em novembro de 2025 para o setor do couro, concebidos e conduzidos pelo parceiro SPIN 360 com o apoio organizacional do parceiro COTANCE. O setor do couro é, pela sua própria natureza, um dos exemplos mais claros de simbiose industrial: o couro origina-se como um subproduto das cadeias de abastecimento da carne e dos laticínios. Esta consciencialização serviu de ponto de partida para os dois grupos focais, que visavam analisar práticas, desafios e oportunidades relacionadas com a simbiose industrial dentro da cadeia de valor do couro.

As discussões revelaram um quadro claro: a valorização dos subprodutos já é parte integrante do setor, mas o seu potencial ainda não se expressou plenamente. Hoje, apenas 20–25% da massa de uma pele é transformada em couro acabado; os restantes 75–80% requerem vias alternativas de valorização, como fertilizantes, gelatina, colagénio, biomateriais ou aplicações técnicas. O verdadeiro desafio é intercetar estes fluxos no momento certo, preservando a sua qualidade e valor.

A cooperação entre matadouros e curtumes desempenha um papel crucial. As práticas adotadas nas fases iniciais — esfolamento, limpeza e aparo — determinam o rendimento do material, a qualidade do couro e o potencial de recuperação de subprodutos. Uma melhor coordenação a montante pode melhorar a eficiência do processo, reduzir o uso de químicos e direcionar cada parte do esconderijo para a aplicação de maior valor. No entanto, permanecem obstáculos. As barreiras regulatórias, em particular a classificação de subprodutos como resíduos, limitam as trocas entre setores e a circulação de materiais. Desafios adicionais incluem dificuldades logísticas, fragmentação da cadeia de abastecimento, volatilidade de preços e procura de mercado que muitas vezes não recompensa a qualidade e a circularidade. A comunicação também é um problema: o couro é frequentemente visto de forma negativa, enquanto a sua natureza biogénica, durável e circular luta para ganhar visibilidade no debate público. Os grupos focais, no entanto, destacaram oportunidades importantes, incluindo novos agentes de curtimento, derivados de resíduos agroalimentares, recuperação de energia, aplicações não alimentares para resíduos contendo crómio, o uso seletivo de diferentes partes da pele e uma integração mais forte nos setores agroalimentar e bioeconómico.

Para ampliar estes modelos, são necessárias políticas mais coerentes, incentivos económicos, regras claras de avaliação ambiental e investimentos em competências. A conclusão é inequívoca: a simbiose industrial não é uma opção, mas uma alavanca estratégica para o futuro do setor do couro. Transformar práticas fragmentadas num sistema coordenado significa fortalecer a competitividade, sustentabilidade e resiliência de um setor-chave da economia europeia.